

## CONHECIMENTO TRADICIONAL E USO DE PLANTAS MEDICINAIS NAS APAS'S CANTAREIRA/SP E FERNÃO DIAS/MG

João Luiz de Moraes HOFFEL<sup>1</sup>

Nayra de Moraes GONÇALVES<sup>2</sup>

Almerinda Antonia Barbosa FADINI<sup>3</sup>

Sonia Regina da Cal SEIXAS<sup>4</sup>

**Resumo:** Os processos de industrialização e globalização cultural e econômica geraram riscos relacionados com a questão ambiental e com a descaracterização da identidade local, conduzindo a desvalorização de elementos do conhecimento tradicional, como por exemplo, o uso de plantas medicinais. A área de estudo do presente trabalho, as Áreas de Proteção Ambiental do Sistema Cantareira/SP e Fernão Dias/MG, ainda apresentam uma expressiva população rural e significativos remanescentes de Mata Atlântica que são utilizados como fontes de plantas para uso medicinal, mas nas últimas décadas passam por um intenso processo de alterações socioambientais. O objetivo deste trabalho, que integra o projeto de pesquisa FAPESP nº 2008/10631-0 *Pharmácia do Mato - Transformações Socioambientais e Uso de Plantas Medicinais nas APAs Cantareira/SP e Fernão Dias/MG*, é apresentar as plantas utilizadas como medicinais pela população da região de estudo, analisar seus usos e a importância da manutenção deste conhecimento para a conservação de espécies, bem como para a preservação socioambiental local. A metodologia utilizada envolveu trabalhos de campo e coleta de dados obtidos por meio de um roteiro de entrevistas semi-estruturado aplicado a 56 moradores locais. Os resultados demonstram que os entrevistados têm conhecimento de 186 espécies, sendo que destas 93 são nativas, 80 exóticas e 13 espécies não foram identificadas e que a manutenção deste conhecimento é essencial e pode auxiliar na conservação destas áreas naturais.

**Palavras-Chave:** Área de Proteção Ambiental, Conhecimento Tradicional, Plantas Medicinais.

**Abstract:** The processes of industrialization and economic and cultural globalization have generated risks related to environmental issues and the discharacterization of local identity, leading to devaluation of elements of traditional knowledge such as the use of medicinal plants. The study area of this research work, the Cantareira System/SP and Fernão Dias/MG Environmental Protected Areas (EPA), still have a significant rural population and remnants of Atlantic Forest used as sources of medicinal remedies, but in recent decades pass through an

---

<sup>1</sup>Doutor em Ciências Sociais IFCH/UNICAMP. Professor e Pesquisador do Centro de Estudos Ambientais/Universidade São Francisco, Bragança Paulista/SP. Professor, Coordenador e Pesquisador do Núcleo de Estudos em Sustentabilidade/Faculdades Atibaia/FAAT, Atibaia/SP. Contato: [jlhoeffel@gmail.com](mailto:jlhoeffel@gmail.com)

<sup>2</sup>Bacharel em Turismo/Universidade São Francisco, Assistente de Pesquisa no Centro de Estudos Ambientais/Universidade São Francisco, Bragança Paulista/SP. Contato: [nayragoncalves@gmail.com](mailto:nayragoncalves@gmail.com)

<sup>3</sup>Doutora em Geografia pela UNESP. Professora do Instituto Federal de São Paulo – Campus Salto/SP. Professora e Pesquisadora do Centro de Estudos Ambientais/Universidade São Francisco, Bragança Paulista/SP. Contato: [almerindafadini@hotmail.com](mailto:almerindafadini@hotmail.com)

<sup>4</sup>Doutora em Ciências Sociais IFCH/UNICAMP. Professora e Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais/NEPAM/UNICAMP, Campinas/SP, Pesquisadora CNPq 2. Contato: [sral@unicamp.br](mailto:sral@unicamp.br)

intense process of socioenvironmental changes. This study, part of the project FAPESP 2008/10631-0 Pharmacy of the Woods - Social and Environmental Transformations and Use of Medicinal Plants in EPAs Cantareira/SP and Fernão Dias/MG, aims to present the medicinal plants used by the local population, analyze their uses and the importance of keeping this knowledge to the conservation of species, as well as to the local socioenvironmental aspects. The methodology involved field work and data collection obtained by semi-structured interviews applied to 56 local residents. The results show that respondents are aware of 186 species, and of these 93 are native, 80 are exotic and 13 species were not identified and that the maintenance of this knowledge is essential and can help conserve these natural areas.

**Key-words:** Environmental Protected Area, Traditional Knowledge, Medicinal Plants.

## 1. INTRODUÇÃO:

Atualmente a crise da biodiversidade transformou-se em tema de discussão global, com dados cada vez mais alarmantes. Para Primack e Rodrigues (2001) as ameaças à biodiversidade não têm precedentes na história humana e espécies nunca estiveram, em um curto espaço de tempo, tão ameaçadas de extinção.

Um estudo realizado pela *International Union for Conservation of Nature and Natural Resources* (IUCN, 2010) sobre espécies vegetais ameaçadas demonstra que cerca de 380 mil espécies mundiais se enquadram em alguma categoria de ameaça, sendo que uma em cada cinco corre risco de extinção, tornando-as tão ameaçadas quanto os mamíferos. O estudo avaliou uma ampla amostra de espécies coletivamente representativas de todas as plantas do mundo, projetando um retrato global do risco de extinção, revelando as ameaças mais urgentes e as regiões mais afetadas. Segundo os resultados obtidos, o habitat mais vulnerável são as florestas tropicais, sendo que no Brasil foram estudadas 385 espécies, das quais 32,62% são endêmicas e do total analisado, 10,96% foi considerado em risco.

A importância da conservação da biodiversidade pauta-se em seu papel fundamental para o fornecimento de diversos serviços ecossistêmicos, como a manutenção da quantidade e qualidade das águas, fertilidade do solo, equilíbrio climático, conforto térmico, além de seu valor biológico, estético e econômico, bem como sua função essencial na manutenção dos ciclos ambientais do planeta (PRIMACK; RODRIGUES, 2001; SCHITTINI; FRANCO; DRUMOMND, 2008).

Contudo a sociedade moderna traçou uma relação com a natureza marcada, principalmente, pelo mito da natureza inesgotável, resultando na ausência de preocupação com a manutenção da biodiversidade, dos recursos naturais e do conhecimento acumulado por comunidades locais (FEEK; MORRY, 2003).

Embora o processo de industrialização e a globalização cultural e econômica tenham possibilitado o aumento de empregos e o acesso aos meios de informação, de transporte e educacionais, estes ocasionaram também riscos relacionados à questão ambiental, à equidade social e à identidade local. Esta situação tem incrementado o estresse e as tensões da população, afetando o modo de vida e as culturas tradicionais.

O conceito de sociedade de risco foi inicialmente abordado por Beck (1995) que considera que este conceito designa uma fase da sociedade moderna em que os riscos sociais, políticos, econômicos e individuais tendem a escapar das instituições que buscam o controle e a proteção da sociedade industrial (BECK, 1997).

Desmatamentos florestais, deposição de resíduos urbanos e perigosos nos solos e nos rios e contaminação de trabalhadores e de consumidores - frequentemente invisíveis no conjunto das estatísticas de saúde - são problemas que acabam sendo coletivamente absorvidas pela sociedade e pelos sistemas públicos previdenciários e de saúde e muitas vezes exigem que as pessoas recorram a soluções e práticas tradicionais (BARBOSA; HOEFFEL, 2008).

O conhecimento sobre plantas medicinais simboliza muitas vezes o único recurso terapêutico de muitas comunidades e grupos étnicos. Entretanto, o crescente uso de plantas medicinais tem segundo diversos autores (CUNHA, 2003; AZEVEDO; SILVA, 2006), aumentado a pressão ecológica exercida sobre esses recursos naturais. Assim, tanto o valor econômico, o extrativismo predatório, quanto o comércio local, além da degradação ambiental dos ambientes naturais, colocam em risco a sobrevivência de muitas espécies medicinais nativas (REIS; MARIOT; DI STASI, 2000).

Neste sentido, a sociedade tem utilizado diversas estratégias que possam possibilitar o uso sustentável e auxiliar na conservação dos recursos naturais. Uma das ferramentas utilizadas pelo Poder Público é a criação de unidades de conservação, definido segundo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) como:

espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção (BRASIL, 2004, p. 9).

Entre as unidades de conservação destaca-se a Área de Proteção Ambiental (APA), pertencente à categoria de unidades de conservação de uso sustentável, que se caracteriza por extensas áreas, com elevado grau de ocupação humana e ocorrência de atributos cuja conservação seja importante para a qualidade de vida da população, tendo como objetivos assegurar que a utilização dos recursos naturais ocorra de modo

sustentável, proteger a biodiversidade, além de disciplinar o processo de ocupação nos municípios (BRASIL, 2004, p. 18).

Neste contexto, insere-se a área de estudo do presente trabalho, as Áreas de Proteção Ambiental do Sistema Cantareira/SP e Fernão Dias/MG, que ainda apresentam uma expressiva população rural e significativos remanescentes de Mata Atlântica que são utilizados como fontes de plantas para uso medicinal, mas que nas últimas décadas passam por um intenso processo de alterações socioambientais. O objetivo do presente trabalho, que integra o projeto de pesquisa FAPESP nº 2008/10631-0 *Pharmácia do Mato - Transformações Socioambientais e Uso de Plantas Medicinais nas APAs Cantareira/SP e Fernão Dias/MG*, é demonstrar as plantas utilizadas como medicinais pela população da região de estudo e a importância da manutenção e disseminação deste conhecimento para a preservação de espécies, bem como do ambiente local.

## 2. CONHECIMENTO E USO DE PLANTAS MEDICINAIS

A cultura é um importante elemento que compõe a identidade social e por ser dinâmica apresenta constantes alterações. Os processos de urbanização e globalização ocasionam diversas transformações e mudanças de valores, contribuindo para que ocorram alterações culturais, resultando, muitas vezes, na perda de elementos e conhecimentos tradicionais importantes.

O conhecimento tradicional pode ser entendido como “o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração em geração” e somente pode ser corretamente interpretado dentro do contexto cultural em que é gerado (DIEGUES; ARRUDA, 2001, p. 31).

Contudo a modernidade produziu e vem produzindo modos de vida desvinculados dos tipos tradicionais de ordem social de modo jamais visto, seja na forma, alterando substantivamente o cotidiano ao infiltrar-se na existência de modo

íntimo, ou na dimensão, relacionado às possibilidades de expandir a interconexão social (BARBOSA, 1996).

No contato com o outro, o diferente pode ser percebido como superior e a cultura do grupo pode ser desvalorizada, passando a ser omitida, negada e, por fim, esquecida (CASTELLS, 1999). Esse é um processo que se verifica nas relações sociais entre o campo e a cidade e que tem levado o morador rural a querer exibir um estilo de vida moderno percebido como único legítimo.

O último século foi marcado notadamente pelo processo de urbanização, pela expansão da produção industrial e intensificação dos modos de geração e consumo de energia (HOGAN, 2000; HOGAN; MARANDOLA, 2006). De acordo com Giddens, estas transformações têm acontecido em curto espaço de tempo, principalmente em relação às discontinuidades que, segundo o mesmo autor, respondem pelo ritmo, escopo da mudança e natureza intrínseca das instituições modernas (GIDDENS, 1991). Ou seja, as transformações pelas quais passam as sociedades capitalistas, urbanas e rurais, possuem interface com questões ligadas à organização do trabalho, hábitos de consumo, configurações políticas, poderes e práticas institucionais do Estado (BARBOSA, 1996), que englobam o sistema público de saúde.

Muitas comunidades possuem como único recurso terapêutico e medicinal o conhecimento tradicional. As culturas tradicionais elaboraram idéias sofisticadas de saúde e bem-estar e para muitas culturas saúde não é a mera ausência de doença. Saúde é um estado de equilíbrio espiritual, de convivência comunitária e ecológica, o que explica provavelmente a inclusão em sistemas de cura tanto de remédios para cura física, quanto para a melhoria e fortalecimento do bem-estar. Além disto, em algumas culturas a escolha por um tratamento é frequentemente explicada por esta complexa compreensão de saúde e das prováveis causas da doença. Plantas e medicamentos podem ser efetivos não apenas em função de sua ação farmacológica, mas em função do significado cultural que lhes é atribuído.

Desta forma as práticas relacionadas ao uso popular de plantas medicinais são o que muitas comunidades têm como alternativa viável para o tratamento de doenças ou manutenção da saúde. Porém, sua continuidade pode ser ameaçada pela interferência

de fatores externos à dinâmica social do grupo como, por exemplo: maior exposição das comunidades às pressões econômicas e culturais externas; maior facilidade de acesso aos serviços da medicina moderna; deslocamento das pessoas de seus ambientes naturais para regiões urbanas, o que leva à perda do conhecimento popular acumulado há várias gerações e, conseqüentemente, ao seu desaparecimento (PINTO; AMOROSO; FURLAN, 2006)

Além disso, a desagregação dos sistemas de vida tradicionais que acompanha a degradação ambiental e a inserção de novos elementos culturais ameaçam muito de perto um acervo de conhecimentos empíricos e um patrimônio genético de valor inestimável para as gerações futuras (RODRIGUES; GUEDES, 2006).

### **3. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO**

A *área geral de estudo* deste trabalho constitui-se pelas Áreas de Proteção Ambiental do Sistema Cantareira (APA Cantareira), localizada no Estado de São Paulo, e Fernão Dias (APA Fernão Dias), localizada no Estado de Minas Gerais.

Instituída pela Lei Estadual nº 10.111 de Dezembro de 1998, abrangendo os municípios de Mairiporã, Atibaia, Nazaré Paulista, Piracaia, Joanópolis, Vargem e Bragança Paulista, a criação da APA Cantareira (Fig. 1) teve como objetivo a manutenção e melhoria da qualidade dos recursos hídricos da região, particularmente das bacias de drenagem que formam o Sistema Cantareira, principal produtor de água para abastecimento da Região Metropolitana de São Paulo (SÃO PAULO, 1998; WHATELY; CUNHA, 2007). Sob esta questão cabe ressaltar que a construção deste Sistema ocorreu durante o período de governo militar brasileiro, não havendo envolvimento e participação social, o que resultou em conflitos de usos que se mantêm até os dias atuais (HOEFFEL; VIANA, 1996).



Fig. 1: Mapa de localização da APA do Sistema Cantareira (SÃO PAULO, 2000).

A APA Fernão Dias (Fig. 2), criada pelo Decreto Estadual nº 38.925 de Julho de 1997 com o objetivo de proteger os remanescentes florestais e fauna silvestre existentes na região. Possui uma área de aproximadamente 180.000 hectares na qual estão inseridos os municípios de Camanducaia, Extrema, Gonçalves, Itapeva, Sapucaí-Mirim e Toledo, e parte dos municípios de Brazópolis e Paraisópolis (MINAS GERAIS, 1997).

A APA Fernão Dias é considerada uma área prioritária para a conservação da flora de Minas Gerais, com importância biológica muito alta (áreas de riqueza de espécies endêmicas, ameaçadas ou raras, remanescentes significativos, altamente ameaçados ou com alto grau de conservação) (DRUMMOND, 2005). Ainda segundo a autora, as pressões antrópicas mais importantes identificadas para a flora foram a monocultura, a expansão urbana e as atividades agropecuárias.



É relevante salientar que as principais alterações ocorridas na área de estudo – a construção das Rodovias Fernão Dias e D. Pedro I e do Sistema Cantareira - não consideraram as características sócio-econômicas deste espaço, que até a década de 1960 era essencialmente rural, mas consideraram apenas as necessidades e planos de áreas vizinhas – as Regiões Metropolitanas de São Paulo e Campinas. Estas metrópoles passam a direcionar novos usos, além de determinarem rupturas em uma identidade rural anteriormente constituída, criando uma identidade outorgada que estimula tanto sua conservação quanto sua urbanização, mas que não é assimilada efetivamente pela população regional.

A legislação impõe um maior controle e restrições no que se refere ao desenvolvimento de atividades econômicas consideradas potencialmente degradantes em uma Área de Proteção Ambiental. Entretanto o fato de serem mantidas as atividades produtivas pode levar a conflitos de interesses e necessidade de busca por novas práticas econômicas adequadas a esta realidade (HOEFFEL et al, 2008; HOEFFEL; FADINI; SEIXAS, 2010).

Contudo, para conciliar o desenvolvimento de atividades econômicas à conservação ambiental é necessário considerar, além dos aspectos biológicos, os elementos sociais, culturais e políticos relevantes para a conservação (SCHITTINI; FRANCO; DRUMOMND, 2008).

#### **4. O USO DE PLANTAS MEDICINAIS PELOS MORADORES DA ÁREA DE ESTUDO**

O levantamento das plantas utilizadas como medicinais nas APA'S Cantareira/SP e Fernão Dias/MG foi realizado através de trabalhos de campo e coleta de dados obtidos através de um roteiro de entrevistas semi-estruturado (RICHARDSON, 1999). Um município integrante de cada APA foi escolhido como área núcleo de estudo para a realização desta pesquisa: o município de Nazaré Paulista, integrante da APA Cantareira e o município de Camanducaia, integrante da APA

Fernão Dias, que ainda apresentam áreas com cobertura vegetal nativa e população rural que mantém traços de sua cultura tradicional.

As entrevistas foram realizadas com pessoas que possuem conhecimento acerca do uso de plantas medicinais e realizam ou realizavam tais práticas. Houve certa dificuldade para realizar este levantamento, visto que conforme verificado em ambas as APA'S, este uso é realizado pelas pessoas mais idosas, em sua maioria acima de 55 anos de idade, e muitos dos considerados grandes conhecedores das plantas medicinais já faleceram. Os relatos demonstram que estes conhecimentos foram adquiridos na maioria das vezes com parentes e, em alguns casos, com amigos e conhecidos, e sua transmissão é realizada oralmente de geração a geração.

Segundo relatos dos entrevistados, os jovens não possuem interesse em aprender as práticas medicinais e alguns dos motivos apontados que justificam esse desinteresse é o acesso facilitado a hospitais e medicamentos industrializados, a necessidade de preparar os remédios medicinais, além do fato de que os mesmos devam ser administrados por mais vezes e a cura ser mais demorada quando comparada aos “remédios de farmácia”.

Em Nazaré Paulista o conhecimento acerca das plantas medicinais está relacionado essencialmente ao sexo feminino, enquanto que em Camanducaia o mesmo relaciona-se ao sexo masculino. Além disso, verificou-se que as pessoas entrevistadas em Nazaré Paulista conhecem e utilizam, em sua maioria, plantas cultivadas nos quintais (Fig. 3), e os entrevistados de Camanducaia, além das plantas cultivadas em casa, utilizam também as que são encontradas em meio às matas (Fig. 4).



Fig. 3 – Plantas Medicinais cultivadas em jardim (Nazaré Paulista/SP).  
Fonte: João Luiz Hoeffel, abril/2010.



Fig. 4 – Remanescente de mata nativa utilizado como fonte para coleta de plantas  
medicinais (Camanducaia/MG).  
Fonte: João Luiz Hoeffel, maio/2011

Um total de 186 espécies foi citado pelos entrevistados, sendo que 93 são nativas (Tabela 1), 80 exóticas (Tabela 2) e 13 espécies não foram identificadas. Algumas espécies foram mencionadas em ambos os municípios, das 114 espécies listadas para Nazaré Paulista 58 são nativas, 49 são exóticas e 07 não foram identificadas (barba-de-camarão, cipó-cruz, erva-de-raposa, flor-de-maria-marisco, mircinária, rebarba, rosário) e em Camanducaia, das 138 espécies catalogadas, 76 são nativas, 56 são exóticas e 06 não foram identificadas (cipó-de-São-Domingos, embira, folha-de-conta, japecanga-sem-espinho, morcego, serralha-gigante). As Figuras 5 a 14 apresentam algumas das espécies citadas pelos entrevistados.

**Tabela 1 – Plantas medicinais nativas utilizadas na área de estudo**

<b>Família</b>	<b>Nome científico</b>	<b>Nome Popular</b>
<b>Acanthaceae</b>	<i>Justicia pectoralis</i>	Anador/Erva-de-Santo-Antonio
<b>Alismataceae</b>	<i>Echinodorus grandiflorus</i>	Chapéu-de-Couro
<b>Amaranthaceae</b>	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) O. Kuntze	Perpétua
<b>Amaranthaceae</b>	<i>Alternanthera dentata</i> (Moench) Stuehlik	Terramicina
<b>Amaranthaceae</b>	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Erva-de-Santa-Maria
<b>Amaranthaceae</b>	<i>Gomphrena celosioides</i> Mart.	Perpétua
<b>Amaranthaceae</b>	<i>Pfaffia paniculata</i> (Mart.) Kuntze	Para-tudo
<b>Anacardiaceae</b>	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Aroeira
<b>Angiospermae – Hypoxidaceae</b>	<i>Hypoxis decumbens</i> L.	Cebolinha-do-Mato/Tiririca
<b>Angiospermae – Trigoniaceae</b>	<i>Trigonia nivea</i>	Cipó-Prata
<b>Annonaceae</b>	<i>Annona sp.</i>	Araticum Mirim
<b>Aquifoliaceae</b>	<i>Ilex paraguariensis</i> A. St.- Hill	Erva-mate
<b>Araceae</b>	<i>Taccarum ulei</i>	Jararaca
<b>Araucariaceae</b>	<i>Araucária angustifolia</i>	Nó-de-pinho
<b>Aristolochiaceae</b>	<i>Aristolochia triangularis</i> Mart. & Zucc.	Cipó-mil-homens
<b>Asclepiadaceae</b>	<i>Asclepias curassavica</i> L.	Oficial-de-sala
<b>Berberidaceae</b>	<i>Berberis laurina</i>	Braço-forte/calafate
<b>Bignoniaceae</b>	<i>Dolichandra unguis cati</i>	Unha-de-gato
<b>Bignoniaceae</b>	<i>Handroanthus impetiginosus</i>	Ipe-roxo
<b>Bignoniaceae</b>	<i>Jacarandá mimosaeifolia</i>	Caroba,

		Carobinha do Campo
<b>Bignoniaceae</b>	<i>Pyrostegia venusta</i>	Cipó-de-São-João
<b>Bromeliaceae</b>	<i>Ananas sp.</i>	Abacaxi
<b>Caprifoliaceae</b>	<i>Sambucus australis</i>	Sabugueiro
<b>Cecropiaceae</b>	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Embaúba-branca
<b>Celastraceae</b>	<i>Maytenus aquifolium</i>	Espinheira-santa
<b>Commelinaceae</b>	<i>Tradescantia elongata</i>	Trapoeraba
<b>Compositae- Asteraceae</b>	<i>Acanthospermum australe</i> (Loeft.) Kuntze	Carrapicho-de-carneiro
<b>Compositae - Asteraceae</b>	<i>Achyrocline satureioides / alata</i>	Macelinha/Macela
<b>Compositae – Asteraceae</b>	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Erva-de-São-João
<b>Compositae – Asteraceae</b>	<i>Artemisia alba</i>	Canfora
<b>Compositae – Asteraceae</b>	<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	Alecrim-do-campo
<b>Compositae – Asteraceae</b>	<i>Baccharis trimera</i>	Carqueja
<b>Compositae – Asteraceae</b>	<i>Bidens pilosa</i>	Picão
<b>Compositae - Asteraceae</b>	<i>Chaptalia nutans</i> (L.) Pohl	Lingua-de-vaca
<b>Compositae - Asteraceae</b>	<i>Egletes viscosa</i> (L.) Less	Marcela-galega
<b>Compositae - Asteraceae</b>	<i>Elephantopus mollis</i> Kunth	Pata-de-elefante
<b>Compositae - Asteraceae</b>	<i>Mikania glomerata</i> Spreng	Guaco/Cipó-sete-sangrias
<b>Compositae - Asteraceae</b>	<i>Mikania hirsutissima</i>	Cipó-cabeludo
<b>Compositae - Asteraceae</b>	<i>Solidago chilensis</i>	Arnica
<b>Compositae- Asteraceae</b>	<i>Vernonia polyanthes</i>	Assa-peixe-branco
<b>Compositae</b>	<i>Vernonia glabrata</i> Less	Assa-peixe-roxo
<b>Cruciferae - Brassicaceae</b>	<i>Coronopus didymus</i>	Mentruz
<b>Curcubitaceae</b>	<i>Cayaponia podantha</i>	Taiuiá
<b>Dioscoraceae</b>	<i>Dioscorea sp.</i>	Cará
<b>Erythroxylaceae</b>	<i>Erythroxylum deciduum</i>	Catuaba, Fruta de pomba
<b>Euphorbiaceae</b>	<i>Croton urucurana</i>	Capixingui
<b>Euphorbiaceae</b>	<i>Euphorbia hirta</i>	Erva-andorinha
<b>Euphorbiaceae</b>	<i>Phyllanthus niruri</i>	Quebra-pedra

<b>Fabaceae - Mimosoideae</b>	<i>Anadenanthera colubrina</i>	Angico-branco
<b>Fabaceae – Mimosoideae</b>	<i>Stryphnodendron adstringens</i>	Barbatimão
<b>Ganodermaceae</b>	<i>Ganoderma sp.</i>	Cogumelo serpente
<b>Guttiferae - Clusiaceae</b>	<i>Hypericum brasiliense</i> Choisy	Alecrim-bravo
<b> Icacinaceae</b>	<i>Villaresia congonha</i>	Chá-de-Bugre
<b>Labiatae – Lamiaceae</b>	<i>Hyptis mutabilis</i>	Alfavaca-brava
<b>Labiatae - Lamiaceae</b>	<i>Peltodon radicans</i> Pohl	Rabo-de-cachorro
<b>Lauraceae</b>	<i>Ocotea odorifera</i>	Sassafrás
<b>Leguminosae - Caesalpinioideae</b>	<i>Bauhinia forficata</i>	Pata-de-vaca (árvore)
<b>Leguminosae</b>	<i>Erythrina mulungu</i>	Mulungu
<b>Loranthaceae</b>	<i>Phoradendron rubrum</i>	Erva-de- passarinho
<b>Lycopodiaceae</b>	<i>Lycopodium sp.</i>	Licopodium
<b>Lythraceae</b>	<i>Cuphea carthagenensis</i>	Sete-sangrias-do campo
<b>Malvaceae</b>	<i>Sida rhombifolia</i> L.	Guaxuma
<b>Meliaceae</b>	<i>Cedrela odorata</i> L.	Cedro-rosa
<b>Menispermáceas</b>	<i>Cissampelos parreira</i> / <i>Cissampelos glaberrima</i>	Abutua
<b>Moraceae</b>	<i>Dorstenia asaroides</i>	Caiapiá
<b>Myrtaceae</b>	<i>Eugenia uniflora</i>	Pitanga
<b>Myrtaceae</b>	<i>Psidium guajava</i>	Goiabeira
<b>Passifloraceae</b>	<i>Passiflora sp.</i>	Maracujá
<b>Phytolaccaceae</b>	<i>Phytolacca americana</i>	Tintureira
<b>Piperaceae</b>	<i>Piper aduncum</i> L.	Pimenta-brava
<b>Piperaceae</b>	<i>Piper umbellatum</i>	Pariparoba
<b>Plantaginaceae</b>	<i>Plantago australis</i>	Transagem
<b>Polygalaceae</b>	<i>Polygala paniculata</i>	Barba-de-São-João
<b>Pteridaceae</b>	<i>Pteris aquilina</i>	Varabi
<b>Rosaceae</b>	<i>Rubus sellowii</i>	Amoreira, Amoreira-brava
<b>Rubiaceae</b>	<i>Richardia brasiliensis</i>	Ipecacuanha
<b>Scrophulariaceae</b>	<i>Buddleja stachyoides</i>	Verbasco, Calção- de-Velho
<b>Scrophulariaceae</b>	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha
<b>Simarubaceae</b>	<i>Simarouba amara</i>	Quassia / Quina
<b>Siparunaceae</b>	<i>Siparuna brasiliensis</i>	Limão-bravo
<b>Smilacaceae</b>	<i>Smilax japecanga</i>	Japecanga/ Salsaparrilha
<b>Solanaceae</b>	<i>Physalis angulata</i> L.	Joa/Juapoca
<b>Solanaceae</b>	<i>Solanum cernuum</i> Vell.	Bolsa-de-pastor

Solanaceae	<i>Solanum erianthum</i>	Guavetinga
Solanaceae	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba
Solanaceae	<i>Solanum viarum</i>	Juá-bravo – Solanum
Umbeliferae – Apiaceae	<i>Hydrocotyle bonariensis</i> Lam.	Erva-capitão
Verbenaceae	<i>Lantana camara</i> L.	Lantana/Cambará
Verbenaceae	<i>Lippia alba</i>	Erva-cidreira
Verbenaceae	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	Verbena/Gervão- verdadeiro
Violaceae	<i>Anchietia salutaris</i>	Cipó-suma
Vitaceae	<i>Cissus verticillata</i>	Insulina em folha
Winteriaceae	<i>Drimys winteri</i>	Casca d'anta

**Tabela 2 – Plantas medicinais exóticas utilizadas na área de estudo**

Família	Nome científico	Nome Popular
Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i>	Manga
Angiospermae - Compositae - Asteraceae	<i>Soliva anthemifolia</i> (Juss.) Sweet	Cuspe-de-caipira
Angiospermae – Gramineae (Poaceae)	<i>Melinis minutiflora</i>	Capim-gordura
Araceae	<i>Colocasia antiquorum</i>	Taioba
Boraginaceae	<i>Borago officinalis</i> L.*	Borragem
Boraginaceae	<i>Symphytum officinale</i> L.	Confrei
Caricaceae	<i>Carica papaya</i>	Mamoeiro
Compositae	<i>Taraxacum officinale</i> Weber	Dente-de-leão
Compositae – Asteraceae	<i>Achillea millefolium</i>	Novalgina/Mil-folhas
Compositae – Asteraceae	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna
Compositae - Asteraceae	<i>Artemisia vulgaris</i>	Artemisia
Compositae - Asteraceae	<i>Arctium minus</i> (Hill) Bernh	Bardana
Compositae - Asteraceae	<i>Chamomilla recutita</i>	Camomila
Compositae - Asteraceae	<i>Emilia fosbergii</i>	Serralhinha
Compositae - Asteraceae	<i>Lactuca sativa</i>	Alface
Compositae - Asteraceae	<i>Silybum marianum</i>	Cardo-Mariano
Compositae - Asteraceae	<i>Sonchus oleraceus</i>	Serralha
Compositae -	<i>Tanacetum vulgare</i>	Catinga-de-mulata

<b>Asteraceae</b>		
<b>Compositae - Asteraceae</b>	<i>Vernonia condensata</i> Baker	Boldo
<b>Crassulaceae</b>	<i>Sedum dendroideum</i>	Bálsamo
<b>Cruciferae – Brassicaceae</b>	<i>Brassica rapa</i>	Mostarda
<b>Cruciferae – Brassicaceae</b>	<i>Nasturtium officinale</i>	Agrião
<b>Curcubitaceae</b>	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu
<b>Equisetaceae</b>	<i>Equisetum hyemale</i>	Caninha-do-brejo, Cavalinha, bambuzinho
<b>Euphorbiaceae</b>	<i>Ricinus communis</i>	Mamona
<b>Geraniaceae</b>	<i>Geranium nepalense</i>	Nogui
<b>Gramineae – Poaceae</b>	<i>Cymbopogon citratus</i>	Erva-cidreira-capim
<b>Gramineae - Poaceae</b>	<i>Zea mays</i>	Milho
<b>Hamamelidaceae</b>	<i>Hamamelis virginiana</i> *	Hamamelis
<b>Juglandaceae</b>	<i>Carya illinoenses</i> (Wang) K.	Pecã (noz)
<b>Labiatae</b>	<i>Nepeta glechoma</i>	Hera-terrestre
<b>Labiatae – Lamiaceae</b>	<i>Lavandula angustifolia</i>	Alfazema
<b>Labiatae – Lamiaceae</b>	<i>Leonotis nepetaefolia</i> (L.) R. Br.	Rubi/Rubim
<b>Labiatae - Lamiaceae</b>	<i>Leonurus sibiricus</i> L.	Rubi/Rubim, Mato-chimango
<b>Labiatae - Lamiaceae</b>	<i>Melissa officinalis</i>	Melissa
<b>Labiatae - Lamiaceae</b>	<i>Mentha pulegium</i>	Poejo
<b>Labiatae - Lamiaceae</b>	<i>Mentha sp.</i>	Hortelã
<b>Labiatae - Lamiaceae</b>	<i>Mentha sp.</i>	Levante, alevante, elevante
<b>Labiatae - Lamiaceae</b>	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjeriço
<b>Labiatae - Lamiaceae</b>	<i>Ocimum gratissimum</i>	Alfavaca/Alfavacão
<b>Labiatae - Lamiaceae</b>	<i>Origanum vulgare</i>	Manjerona
<b>Labiatae - Lamiaceae</b>	<i>Plectranthus barbatus</i>	Boldo
<b>Labiatae - Lamiaceae</b>	<i>Plectranthus neochilus</i>	Boldozinho
<b>Labiatae - Lamiaceae</b>	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Alecrim
<b>Lamiaceae</b>	<i>Tetradenia riparia</i>	Incenso/Mirra
<b>Lauraceae</b>	<i>Persea americana</i>	Abacateiro
<b>Leguminosae</b>	<i>Mucuna pruriens</i>	Pó-de-mico
<b>Leguminosae – Papilionoideae</b>	<i>Piscidia erythrina</i>	Timbó-de-pelota/ Timbó
<b>Liliaceae</b>	<i>Aloe arborescens</i>	Babosa
<b>Liliaceae</b>	<i>Allium sativum</i>	Alho
<b>Malvaceae</b>	<i>Malva sylvestris</i>	Malva
<b>Moraceae</b>	<i>Morus alba</i>	Amora-de-árvore
<b>Myrtaceae</b>	<i>Eucaliptus globulus</i>	Eucalipto branco
<b>Olaraceae</b>	<i>Brassica sp.</i>	Couve

<b>Oxalidaceae</b>	<i>Oxalis sp.</i>	Trevo-azedo
<b>Poaceae</b>	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana
<b>Polygonaceae</b>	<i>Polygonum persicaria</i>	Erva-de-bicho
<b>Polygonaceae</b>	<i>Rumex crispus</i>	Lingua-de-vaca
<b>Primulaceae</b>	<i>Primula officinalis</i>	Primula
<b>Pteridaceae</b>	<i>Adiantum capillus</i>	Avenca
<b>Punicaceae</b>	<i>Punica granatum</i> L.	Romã
<b>Rosaceae</b>	<i>Fragaria vesca</i>	Fragaria, Morango silvestre europeu
<b>Rosaceae</b>	<i>Malus pumila</i>	Macieira
<b>Rosaceae</b>	<i>Rosa alba</i>	Rosa-branca
<b>Rutaceae</b>	<i>Citrus sinensis</i>	Laranjeira
<b>Rutaceae</b>	<i>Citrus sp.</i>	Limeira
<b>Rutaceae</b>	<i>Citrus sp.</i>	Limoeiro
<b>Rutaceae</b>	<i>Ruta graveolens</i>	Arruda
<b>Scrophulariaceae</b>	<i>Digitalis purpurea</i>	Dedaleira
<b>Tiliaceae</b>	<i>Tilia sp.</i> *	Tilia
<b>Umbelíferas</b>	<i>Angelica archangelica</i> *	Angélica
<b>Umbelliferae – Apiaceae</b>	<i>Centella asiatica</i> (L.) Urban	Centela/Pata-de-cavalo
<b>Umbelliferae - Apiaceae</b>	<i>Foeniculum vulgare</i>	Erva-doce
<b>Urticaceae</b>	<i>Parietaria officinalis</i>	Parietária
<b>Urticaceae</b>	<i>Urtica dióica</i>	Urtiga
<b>Urticaceae</b>	<i>Urtica urens</i>	Urtiga
<b>Valerianaceae</b>	<i>Valeriana officinalis</i> *	Valeriana
<b>Zingiberaceae</b>	<i>Alpinia zerumbet</i>	Pacova
<b>Zingiberaceae</b>	<i>Curcuma longa</i>	Açafrão
<b>Zingiberaceae</b>	<i>Zingiber officinale</i>	Gengibre

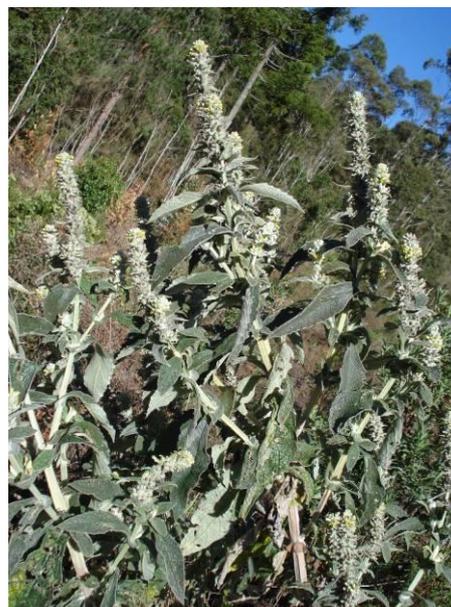


Fig. 5: Alecrim-bravo  
(*Hypericum brasiliense* Choisy)  
Fonte: Thiago Comenale, junho/2011



Fig. 6: Verbasco  
(*Buddleja stachyoides*)  
Fonte: Thiago Comenale, junho/2011



Fig. 7: Oficial-de-sala  
(*Asclepias curassavica* L.)  
Fonte: João Luiz Hoeffel, junho/2011



Fig. 8: Cipó-suma  
(*Anchietia salutaris*)  
Fonte: João Luiz Hoeffel, junho/2011



Fig. 9: Erva-de-bicho  
(*Polygonum persicaria*)  
Fonte: João Luiz Hoeffel, junho/2011  
junho/2011

Fig. 10: Cogumelo-serpente  
(*Ganoderma* sp.)  
Fonte: Almerinda Fadini,



Fig. 11: Rubim  
(*Leonurus sibiricus* L.)

Fonte: João Luiz Hoeffel, junho/2011



Fig. 12: Lantana  
(*Lantana camara* L.)

Fonte: João Luiz Hoeffel, junho/2011



Fig. 13: Pariparoba  
(*Piper umbellatum*)

Fonte: João Luiz Hoeffel, junho/2011  
junho/2011



Fig. 14: Tintureira  
(*Phytolacca americana*)

Fonte: João Luiz Hoeffel,

É importante salientar que as espécies exóticas *Borago officinalis* L. (Borragem), *Hamamelis virginiana* (Hamamelis), *Tilia* sp. (Tilia), *Angelica archangelica* (Angélica) e *Valeriana officinalis* (Valeriana), de amplo uso na medicina fitoterápica, não são comuns na região e não se dispersam com facilidade, sendo mencionadas por um morador do distrito de Monte Verde/MG, que as cultiva em pequenas áreas. Dentre as enfermidades passíveis de tratamento com plantas medicinais mais citadas estão gripe

e resfriado, cálculo renal, diabetes e intoxicação hepática, com grande diversidade de plantas para a cura destes males.

Observou-se que a utilização de plantas medicinais está intimamente relacionada a uma época em que os entrevistados possuíam outras condições e modos de vida. A crescente urbanização pela qual esta região vem passando determinou profundas transformações socioambientais, que resultaram na alteração do modo de vida desta população (HOEFFEL et al, 2008).

Acredita-se que a manutenção deste conhecimento é essencial, visto que a perda do mesmo corresponde à perda de parte da identidade cultural desta população, além do fato de que esta manutenção cultural pode orientar o manejo e possibilitar a conservação destas áreas naturais.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As APA'S Cantareira e Fernão Dias são áreas importantes para a preservação não só do meio ambiente, mas também de aspectos culturais de sua população.

A realidade socioambiental desta localidade demonstra que as mesmas apresentam vulnerabilidades que geram diversos riscos, como a redução e/ou extinção da riqueza de espécies endêmicas de fauna e flora. Isto se deve a diversos fatores, como as intensas atividades antrópicas realizadas na região; a presença de relevos ondulados, suscetíveis a processos erosivos, movimentação de massa e consequente assoreamento de rios e o crescente processo de urbanização e turismo desordenado que vem ocorrendo nestas APA'S. Esta situação demanda a elaboração de planejamento e ações integradas que se adequem às características e fragilidades impostas por estes aspectos, ordenando os usos e ocupações nestas áreas.

A manutenção destes espaços constitui-se imprescindível para a conservação das espécies, porém, isto só será possível através da adequação das atividades econômicas e demais atividades antrópicas ao meio natural, de zoneamentos ambientais e de uso do solo, entre outras ações, que respeitem suas dinâmicas e características diversas.

Os resultados deste trabalho demonstram a relevância de estimular a manutenção de práticas tradicionais relacionadas às plantas medicinais, já que estas configuram uma identidade ainda existente na localidade e em consonância com o meio ambiente em equilíbrio.

Acredita-se que através da compreensão da realidade socioambiental do território, identificando-se os riscos associados às fragilidades físicas e sociais é possível elaborar planos e políticas socioeconômicas voltados à preservação e conservação dos atributos naturais e culturais destas APAs.

## 6. REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Sheila. K. S.; SILVA, Inês. M. (2006). Plantas medicinais e de uso religioso comercializadas em mercados e feiras livres no Rio de Janeiro. **Acta bot. bras.** São Paulo/SP. v. 20, n.1, p.185-194.

BARBOSA, Sônia. R. C. S. **Qualidade de vida e suas metáforas. Uma reflexão socioambiental.** (1996) Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campinas/SP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Campinas.

BARBOSA, Sônia. R. C. S., HOEFFEL, João Luiz de M. Qualidade de vida e complexidade social na APA Cantareira, SP: um estudo sobre degradação socioambiental e subjetividade. (2008). **Relatório Parcial de Projeto de Pesquisa** (FAPESP processo n. 06/60366-5), Campinas/SP.

BECK, Ulrich. (1995). **Ecological Enlightenment.** Essays on the politics of the risk society. New York: Humanities Press International.

\_\_\_\_\_. (1997). A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Antony & LASH, Scott. (orgs). **Modernização reflexiva. Política, tradição e estética na ordem social moderna.** São Paulo: UNESP, p. 11 – 72.

BRASIL. (2004). Ministério do Meio Ambiente. **Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC.** Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, Decreto nº 4.340, de 22 de agosto de 2002. Brasília: MMA.

CASTELLS, Manuel. (1999). **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra.

CUNHA, Lucia H. O. (2003). Saberes tradicionais pesqueiros. **Desenvolvimento e Meio Ambiente,** Curitiba/PR. n.7 (jan/jun), p.71-79.

DIEGUES, Antônio. C.; ARRUDA, Rinaldo. S. V. (2001). **Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil**. Brasília: MMA.

DRUMMOND, Gláucia (2005). **Biodiversidade em Minas Gerais: um atlas para sua conservação**. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.

FADINI, Almerinda A. B. (2005). **Sustentabilidade e Identidade Local: Pauta para um Planejamento Ambiental Participativo em Sub-bacias Hidrográficas da Região Bragantina**. Tese de Doutorado. Rio Claro: UNESP.

FEEK, Warren; MORRY, Chris (2003). **Communication and natural resource management**. Roma: FAO.

GIDDENS, Anthony (1991). **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp.

HOEFFEL, João Luiz; VIANA, Rosa Maria (1996) Impactos de Barragens e transformações regionais: considerações sobre a implantação dos reservatórios do Sistema Cantareira na Região Bragantina. **Gestão e Desenvolvimento**, Bragança Paulista/SP, v.1, n.1, 87-102.

HOEFFEL, João Luiz; FADINI, Almerinda; SEIXAS, Sônia R. C. (Orgs.) (2010) **Sustentabilidade, qualidade de vida e identidade local olhares sobre as APA's Cantareira, SP e Fernão Dias, MG**. São Carlos: RiMa.

HOEFFEL João Luiz; FADINI, Almerinda A. B.; MACHADO, Micheli K.; REIS, Jussara C. (2008) Trajetórias do Jaguar - Unidades de Conservação, Percepção Ambiental e Turismo - Um Estudo na APA do Sistema Cantareira, São Paulo. **Ambiente & Sociedade**. Campinas/SP, v. XI, p. 131-148.

HOEFFEL, João Luiz; FADINI, Almerinda A. B.; MACHADO, Micheli K.; REIS, Jussara C. (2005). Trajetórias do Jaguar – a complexidade sócio-ambiental no Reservatório dos Rios Jaguar/Jacaré. **Proceedings International Congress on Environmental Planning and Management**. Brasília: Catholic University of Brasília, p. 1-16 (CD Rom).

HOEFFEL, João Luiz; MACHADO, Micheli K., FADINI, Almerinda A. B. and LIMA, Fabio B. J. (2004) Concepções e percepções da natureza na Área de Proteção Ambiental do Sistema Cantareira. **Anais do IV Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação**. Curitiba: Fundação O Boticário, v.1, p.346-356.

HOGAN, Daniel (2000). Um breve perfil ambiental do Estado de São Paulo. In: HOGAN, Daniel; CUNHA, José Márcio P. (Org). **Migração e ambiente em São Paulo: aspectos relevantes da dinâmica recente**. Campinas: NEPO/UNICAMP, p. 275-381.

HOGAN Daniel; MARANDOLA, Eduardo (2006). Para uma conceituação interdisciplinar da vulnerabilidade. In: CUNHA, José Marcio P (org.). **Novas metrópoles paulistas. População, vulnerabilidade e segregação**. Campinas: NEPO/UNICAMP.

INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE AND NATURAL RESOURCES – IUCN. (2010). **The IUCN Red List of Threatened Species**. Gland: IUCN. Disponível em: <<http://www.iucnredlist.org/news/srli-plants-press-release>>. Acesso em 29 set. 2010.

MINAS GERAIS (1997). **Decreto Estadual nº 38.925, de 17 de Julho de 1997**. Belo Horizonte, Assembléia Legislativa.

OLIVEIRA, Renato S. (Coord.) (2007). **Plano de Gestão da Área de Proteção Ambiental Fernão Dias**. Belo Horizonte: DER, 2 v.

PINTO, Érika P. P.; AMOROZO, Maria M.; FURLAN, Antônio (2006). Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. **Acta Bot. Bras.**, São Paulo/SP, v.20(4), p.751-762.

PRIMACK, Richard. B.; RODRIGUES, Efraim (2001). **Biologia da Conservação**. Londrina: E. Rodrigues.

REIS, Maurício S.; MARIOT, Alexandre; DI STASI, Luiz C. (2000). Manejo de Populações Naturais de Plantas Medicinais na Floresta Atlântica. In: DIEGUES, Antônio Carlos; VIANA, Virgílio M. (orgs.) (2000). **Comunidades tradicionais e manejo dos recursos da Mata Atlântica**. São Paulo: NUPAUB/LASTROP, pp. 95-102.

RICHARDSON, Roberto J. (1999). **Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas.

RODRIGUES, Antônio C.; GUEDES, Maria L. S. (2006). Utilização de plantas medicinais no Povoado Sapucaia, Cruz das Almas – Bahia. **Rev. Bras. Pl. Med.** Botucatu/SP, v.8, n.2, p.1-7.

SÃO PAULO (Estado). (1998). Secretaria do Meio Ambiente. **Lei Estadual nº 10.111**, de 4 de dezembro de 1998. São Paulo, Assembléia Legislativa.

\_\_\_\_\_. (2000). **Atlas das unidades de conservação ambiental do estado de São Paulo**. São Paulo: SMA.

SCHITTINI, Gilberto M.; FRANCO, José Luiz A.; DRUMMOND, José Augusto. (2008). Áreas protegidas no âmbito do plano BR 163 sustentável: Motivações dos atores envolvidos na criação e implicações sobre a sua gestão futura. **Anais do IV Encontro Nacional da ANPPAS – 4 a 6 de Junho de 2008**. Brasília: ANPPAS.

**WHATELY, Marusia; CUNHA, Pilar (2007). Cantareira 2006: Um olhar sobre o maior manancial de água da Região Metropolitana de São Paulo. São Paulo: ISA.**